

GlazeArch2015

International Conference

Glazed Ceramics in Architectural Heritage

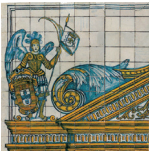
Azulejaria de fachada na Ilha de S. Miguel: os primeiros exemplos na cidade de Ponta Delgada

Francisco Queiroz

CEPESE / ESAP, Porto, Portugal, correio@franciscoqueiroz.com

SUMMARY: Although façade tiles had been a generalized urban phenomenon in Portugal during the Romanticist period (corresponding to the Victorian era), existing studies are still insufficient to its global understanding. In this paper, we focus the town of Ponta Delgada, on the Island of São Miguel, in the Azores archipelago, where very few tiled façades remain. Still, the earliest existing are sufficient to demonstrate how, in a peripheral region, façade tiles took both common but also divergent characteristics regarding the main production centres of Lisbon and Porto / Vila Nova de Gaia, whether in the choice of patterns, or in the adopted compositions.

KEY-WORDS: Ponta Delgada; Island of São Miguel; Azores; Façades; Tiles; 19th century



RESUMO: Embora a azulejaria de fachada tenha sido um fenómeno urbano generalizado em Portugal durante o Romantismo, os estudos existentes ainda são insuficientes para a compreensão global do fenómeno. Nesta comunicação, centramo-nos na cidade de Ponta Delgada, na Ilha de S. Miguel, nos Açores, onde são muito poucas as fachadas azulejadas subsistentes. Ainda assim, as mais antigas são em número suficiente para demonstrar como, numa região periférica, a azulejaria de fachada assumiu características simultaneamente comuns aos grandes centros produtores de Lisboa e Porto / Vila Nova de Gaia, e também divergentes, quer na escolha de padrões, quer nas composições adoptadas.

PALAVRAS-CHAVE: Ponta Delgada; Ilha de S. Miguel; Açores; Fachadas; Azulejos; Século XIX

INTRODUÇÃO

Embora a azulejaria de fachada tenha sido um fenómeno urbano generalizado em Portugal durante toda a segunda metade do século XIX, correspondendo ao período romântico, os estudos existentes são ainda insuficientes para a compreensão global deste fenómeno. Em finais do século XX, as poucas publicações disponíveis sobre azulejaria de fachada em Portugal eram sobretudo repertórios fotográficos, incidindo maioritariamente em painéis publicitários e exemplares figurativos do período Arte Nova [1]. Em 1996, o estudo monográfico de Sandra Amorim sobre azulejaria de fachada na Póvoa de Varzim, terá sido o primeiro do género publicado em livro [2], embora fazendo ainda eco da alegada influência brasileira no surgimento da azulejaria de fachada em Portugal, proposta décadas antes pelo pioneiro dos estudos de azulejaria em Portugal, J. M. dos Santos Simões. A autora viria a abordar também o tema da azulejaria publicitária, num artigo de 2003 [3]. Três anos depois, Luís Mariz Ferreira concluiu o seu mestrado sobre a azulejaria de fachada do Porto [4], numa vertente mais técnica, tendo feito o seu doutoramento [5] e continuando a sua pesquisa num tema afim, ao nível do pós-doutoramento. Há que referir igualmente a tese de mestrado de Isabel Ferreira, de 2008, sobre revestimentos azulejares oitocentistas de fachada em Ovar - trabalho pioneiro na área da conservação da azulejaria de fachada [6]; e ainda as teses de mestrado de Cláudia Emanuel Franco, em 2007 [7], e de Isabel Pires, em 2013 [8], ambas na vertente do inventário de carácter regional, esta última co-orientada pelo autor do presente estudo. Porém, a tese de doutoramento “A ornamentação cerâmica na arquitectura do Romantismo em Portugal”, de 2009 [9] foi o primeiro trabalho académico sobre a azulejaria de fachada como um todo, marcando uma viragem face aos trabalhos anteriores, conforme é referido por Pais, Mimoso, e Campelo [10].

Nos últimos anos, felizmente, a azulejaria de fachada tem merecido particular destaque em trabalhos gerais de inventariação, nomeadamente no “Repertório fotográfico e documental da cerâmica arquitectónica portuguesa” (2007-2011) do Instituto de Promoción Cerámica (Espanha), coordenado pelo autor do presente estudo, com a colaboração de diversos investigadores, em especial da Rede Temática de Estudos de Azulejaria e Cerâmica João Miguel dos Santos Simões, que, nos dois anos seguintes, tratou também os dados do primeiro inventário exaustivo da azulejaria de fachada de um concelho português, neste caso, de Ovar [11]. O inventário foi igualmente coordenado pelo autor deste estudo, que, desde 1995, tem pesquisado a ornamentação cerâmica em fachadas [12], contando-se alguns trabalhos publicados, sobretudo sobre mostruários, antigas fábricas de cerâmica e sua salvaguarda [13].



Apesar dos desenvolvimentos recentes, não existe ainda em Portugal qualquer obra científica de síntese e de âmbito nacional publicada sobre azulejaria de fachada, havendo muito por fazer nesta área, quer em termos de inventário e estudo, quer em termos de preservação e valorização patrimonial.

No caso dos Açores, constatamos que a azulejaria de fachada, como fenómeno artístico específico, nunca foi até aqui abordada em trabalhos científicos publicados, sendo de mencionar somente referências isoladas num volume que J. M. dos Santos Simões dedicou aos arquipélagos dos Açores e da Madeira [14], em inventários regionais de património construído [15] e em alguns trabalhos sobre cerâmica [16]. Em todo o caso, e com excepção das menções feitas por J. M. dos Santos Simões, são referências que quase se limitam a descrever sumariamente as fachadas, por vezes acrescentando dados sobre a proveniência dos azulejos, mesmo assim com dúvidas. O único estudo já publicado sobre um caso açoriano de azulejaria de fachada, em que se procura fazer uma análise mais consistente ao fenómeno [17], evidencia estas mesmas dúvidas, quanto à proveniência, mesmo tendo havido acesso a fragmentos resultantes de escavações e tendo sido confrontadas várias fontes.

Em suma, a compreensão alargada do fenómeno da azulejaria de fachada está ainda por fazer nos Açores, sendo o presente estudo o primeiro de vários que pretendemos publicar sobre a questão. Como primeiro contributo, centra-se na principal cidade da Ilha de São Miguel, onde existem alguns dos melhores exemplos de azulejaria de fachada no Arquipélago dos Açores.

A AZULEJARIA DE FACHADA NA ILHA DE S. MIGUEL

Há alguns anos, o investigador local Mário Moura propunha o início da década de 1870 como correspondendo ao dealbar da azulejaria de fachada em S. Miguel [18]. A pesquisa que elaborámos sobre o tema, não nos permitiu ainda apurar com precisão qual foi a primeira fachada micaelense revestida a azulejos. Porém, como iremos demonstrar, pelo menos uma fachada azulejada já existia, quando, na imprensa micaelense, surge o seguinte anúncio:

“Na rua do Frade n.º 19, há quem se encarregue de mandar vir de Lisboa qualquer porção de azuleja [sic] pelo mais modico preço. E igualmente se encarrega de mandar vir balaustres para jardins e platibandas de casas que se podem ver as amostras” [19].

Neste anúncio, do ano de 1868, além dos azulejos, são mencionados balaustres. Atendendo a que, na época, algumas fábricas produtoras de azulejos fabricavam igualmente ornatos complementares para o coroamento dos edificios, supomos que os balaustres referidos no anúncio fossem também em material cerâmico. De uma forma ou de outra, o fenómeno da azulejaria de fachada não pode ser totalmente compreendido sem uma abordagem complementar à cerâmica para ornamentação de platibandas.

De notar que a proveniência mencionada para os azulejos é a cidade de Lisboa, apesar das fachadas subsistentes que nos parecem ser as mais antigas na Ilha de S. Miguel apresentarem azulejos fabricados no Porto / Vila Nova de Gaia, ou então fabricados na



própria ilha, maioritariamente com base em modelos do centro produtor do Porto / Vila Nova de Gaia.

Sem prejuízo dos azulejos de fachada eventualmente retirados nas últimas décadas e de subsistirem outros exemplos em S. Miguel cuja existência ainda desconhecamos, detectámos sobretudo três núcleos de azulejaria de fachada romântica, ou tardo-romântica, nesta ilha: o principal, em Ponta Delgada – objecto deste estudo; um igualmente importante, mas em edifícios de características algo diferentes, na Lagoa; e ainda outro, na Ribeira Grande. Este último, apesar de se resumir a uma só fachada, considerámo-lo como núcleo, por a dita fachada apresentar uma ornamentação cerâmica ostensiva, que não se limita aos azulejos, mas prolonga-se ao beiral em faiança e às estátuas de remate, também em faiança [20].

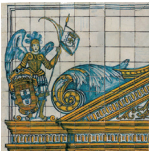
EXEMPLARES MAIS ANTIGOS DE AZULEJARIA DE FACHADA EM PONTA DELGADA

A nossa pesquisa, dirigida ao todo do território nacional, tem evidenciado que a azulejaria de fachada surgiu primeiro nas cidades de Lisboa e do Porto, nas áreas centrais que simultaneamente se revestiam de maior preponderância comercial, a partir do segundo quartel do século XIX. Num processo *grosso modo* sequencial, irradiou das maiores e mais cosmopolitas cidades portuguesas para os demais núcleos urbanos: a partir de meados do século XIX, para aqueles mais próximos de Lisboa e do Porto, e, alguns anos depois, para outros núcleos urbanos bem servidos de transportes, nomeadamente ferroviários ou marítimos. Deste modo, colocámos, como hipótese inicial para o surgimento das primeiras fachadas azulejadas na Ilha de S. Miguel, a segunda metade da década de 1850 ou a primeira metade da década de 1860.

Os indícios já compilados, a apresentar de seguida, demonstram como a cronologia por nós inicialmente presumida tende a confirmar-se, assim como a suposição de estas primeiras fachadas azulejadas em S. Miguel terem surgido no seu núcleo urbano maior e mais aberto ao exterior: Ponta Delgada. Também não nos surpreendeu que os mais antigos exemplares de azulejaria de fachada oitocentista, nesta cidade, quer os subsistentes, quer um outro já desaparecido que pudemos localizar e que mencionamos neste estudo, todos estivessem situados junto da zona portuária, na área mais movimentada do centro urbano: mais concretamente junto aos Paços do Concelho e Igreja Matriz de S. Sebastião, estendendo-se à zona da Alfândega e Rua dos Mercadores. Não por acaso, todos estes edifícios de Ponta Delgada com fachadas revestidas de azulejos possuíam função comercial.

Junto às portas da cidade, pelo lado nascente, situa-se uma das fachadas azulejadas subsistentes. Originalmente, ficavam as portas da cidade mesmo junto a esta fachada, tendo do lado poente um outro edifício, térreo, com arcarias e já desaparecido, também com fachada azulejada. É sensivelmente no local deste outro edifício térreo que hoje se encontram as portas da cidade, por terem sido reposicionadas.

Uma estereoscopia gentilmente cedida pelo investigador de História da Fotografia, Nuno Borges de Araújo, que a data por aproximação da década de 1860, parece já registar azulejos neste edifício térreo com arcarias. Quanto ao edifício ao nascente das portas da cidade, a sobre-exposição da imagem fotográfica não permite aferir se já estava revestido de azulejos (Fig. 1). Uma gravura inserida no Álbum Micaelense, publicado em 1869, a despeito de pertencer a um conjunto de gravuras com detalhes comprovadamente bastante realistas,



sugere a inexistência de azulejos em ambos os alçados encostados às portas da cidade [21], tornando a questão mais duvidosa.



Figura 1 - Detalhe da estereoscopia "Azores Views, n.º 87, Fountain Saint Michael, photographed by R. A. Miller, 63, Court Street, Boston" (Colecção de Nuno Borges de Araújo).

De qualquer modo, os dados recolhidos permitem-nos admitir, provisoriamente, que os azulejos neste já desaparecido edifício térreo do lado poente das portas da cidade seriam dos mais antigos em fachadas da cidade, já existindo possivelmente aquando da publicação da mencionada gravura inserida no Álbum Micaelense. O edifício, com arcaria e platibanda, funcionava então como açougue (Fig. 2). Embora as imagens antigas que dele encontrámos não permitam perceber com nitidez qual o padrão de revestimento (Fig. 14), deduzimos que fosse de um padrão típico da Fábrica de Santo António do Vale da Piedade, o qual apresenta um florão ao centro de cada azulejo, sendo este padrão geralmente pintado sobre vidro branco com as cores azul (formando a flor) e amarela (em mancha, à volta do florão, recortando e definindo as pétalas da flor). Os azulejos de cercadura parecem apresentar um enleado de flores, também ao gosto da Fábrica de Santo António do Vale da Piedade. Apesar disso, os painéis de azulejos com animais, que aqui existiram, aproximavam-se mais da tradição da azulejaria publicitária de Lisboa, mesmo que não conheçamos propriamente um exemplo igual a este em Lisboa.

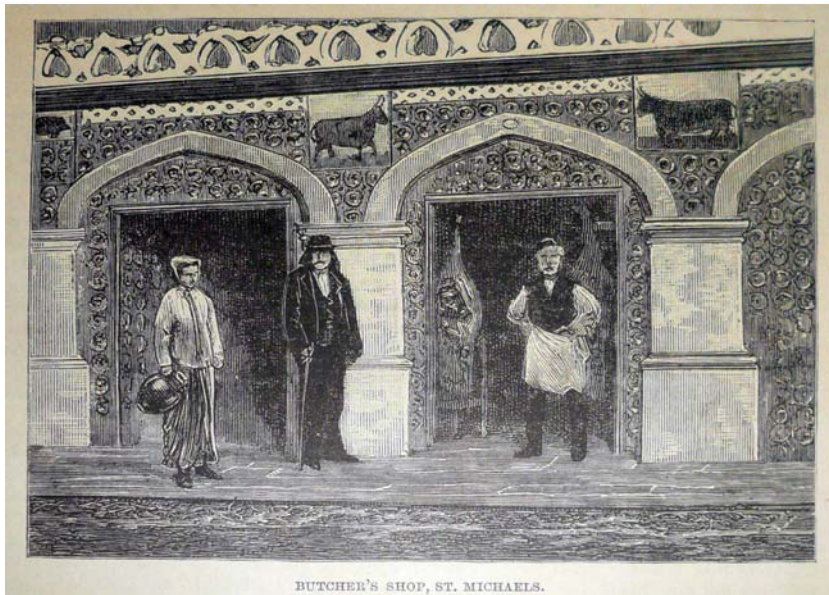
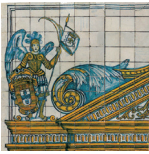


Figura 2 - Um detalhe do açougue de Ponta Delgada ilustrou a descrição de uma viagem aos Açores, publicada em “Frank Leslie's Popular Monthly”, Vol. XXI, New York, January-June 1886, p. 701.

Os painéis com animais pintados seriam possivelmente quatro, num segmento mais ao poente da fachada do açougue, sendo os dois painéis centrais os maiores. De notar que os animais representados são: um porco, num dos painéis mais pequenos, e, em cada um dos painéis centrais, um bovino. Não pudemos ainda apurar o que estava representado no outro painel mais pequeno. Na fotografia antiga da Fig. 14, que abarca parte da fachada do açougue, o painel com a representação do porco situa-se junto a duas fiadas verticais de azulejos, que parecem ser os mesmos da cercadura, ou, pelo menos, diferentes dos azulejos do padrão predominante. Esta aparente tentativa de simular um elemento arquitectónico - neste caso, uma pilastra - também aproxima mais este revestimento azulejar da prática seguida na azulejaria romântica de Lisboa. Porém, os azulejos de cercadura são do mesmo tamanho dos do padrão predominante, indiciando tratar-se de azulejos trazidos do Porto. É igualmente possível que estes azulejos do desaparecido açougue tenham sido pintados na própria Ilha de S. Miguel, imitando a azulejaria do Porto. Sem conhecermos imagens de detalhe dos mesmos, dificilmente poderemos fazer uma atribuição de proveniência, salvo se forem encontrados documentos que a comprovem [22].

Voltando ao edifício situado do lado nascente das portas da cidade, este foi revestido com azulejo de padrão, quer na fachada voltada para a Igreja Matriz (Fig. 4), quer nos alçados voltados para as portas da cidade e para o mar (Fig. 6, atrás do mastro com a bandeira). Devido ao aterro e subsequente construção do edifício que forma a ala nascente da Praça de Gonçalo Velho, o alçado voltado para as portas da cidade ficou ocluso. Subsiste o revestimento do alçado voltado para a Igreja Matriz. O alçado voltado ao mar, hoje bastante descaracterizado, ainda apresenta partes com o revestimento azulejar oitocentista à vista.

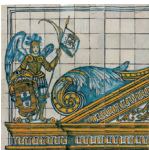


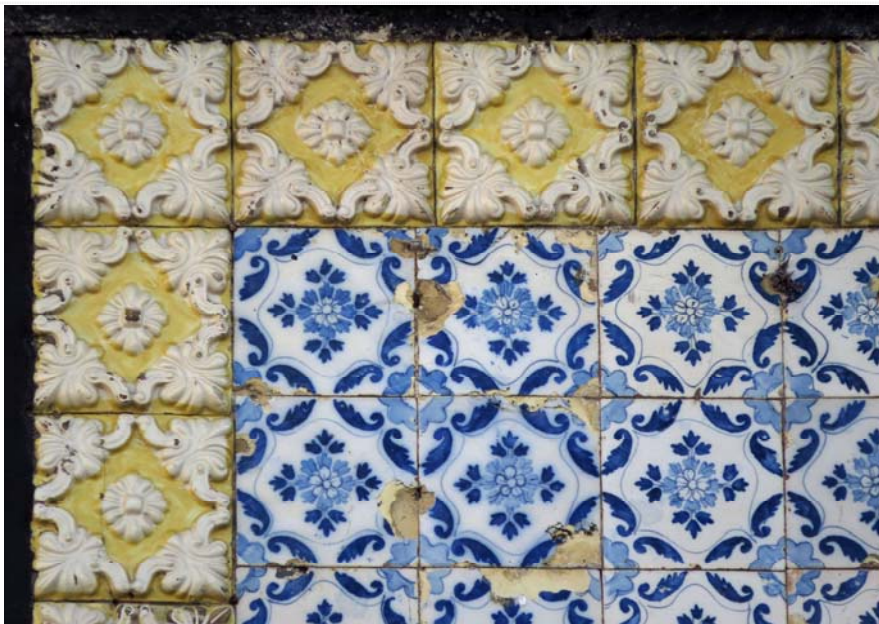
Figura 3 - Detalhe de uma fotografia anterior a 1898, em que se pode ver, à esquerda, azulejos relevados a marcar o cunhal da fachada que estava encostada às portas da cidade pelo nascente e, em plano posterior os arcos do desaparecido açougue (B.P.A.R.P.D., “Lembrança de São Miguel”, II, pág. 14).

O padrão predominante é semi-estampilhado, pintado a azul sobre fundo branco, sendo emoldurada a fachada principal, ao nível dos pisos superiores, por uma fiada de azulejos relevados, pintados a amarelo sobre fundo branco. Imagens antigas a que tivemos acesso, apesar da sua pouca resolução, permitem perceber que, ao contrário do que hoje sucede, o alçado voltado para a Igreja Matriz tinha revestimento oitocentista também no piso térreo. Atendendo aos azulejos subsistentes no alçado outrora voltado ao mar, supomos que todos os alçados deste edifício estivessem revestidos do mesmo modo, a toda a altura. Ambos os padrões, predominante e de cercadura, são típicos da produção do Porto / Vila Nova de Gaia. Vieram, pois, estes azulejos de alguma fábrica do Porto ou Vila Nova de Gaia, nomeadamente da Fábrica de Cerâmica das Devesas, que sabemos ter produzido ambos os padrões? Atendendo aos detalhes da pintura, supomos que sejam mesmo artefactos trazidos do Porto, embora o modo como foram colocados na fachada seja ingénuo e inusitado, e - a julgar por outros casos subsistentes - de certo modo típico da Ilha de S. Miguel. De facto, os azulejos relevados aqui usados não haviam sido concebidos para cercadura, muito menos para cercadura de um padrão não relevado de cromatismo bem diferente.



GlazeArch2015

International Conference
Glazed Ceramics in Architectural Heritage



Figuras 4 e 5 - Edifício que, no século XIX, estava junto às portas da cidade pelo nascente (veja-se a Fig. 1) e detalhe do respectivo padrão e cercadura (fotos do autor).

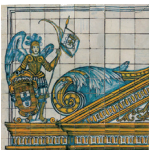


Figura 6 - Detalhe de um postal antigo editado pela “*Society for promoting the propagation about the Island of St Michael's*” (coleção de Rita Van Zeller), em que se pode ver, encostada às portas da cidade, a fachada posterior do edifício da Fig. 4, e, à direita, uma fachada de vãos neogóticos totalmente azulejada, a qual ainda subsiste, embora sem os pilares dos arcos visíveis, por via do aterro que ali foi feito.

Menos ingénua e talvez um pouco mais antiga - mas igualmente concebido para causar efeito, no contexto de valorização da vertente comercial do edifício - é o alçado azulejado do prédio com vãos em arco quebrado que ficava debruçado sobre o porto, sensivelmente em frente da Alfândega. Apesar dos arcos terem sido aterrados, quando se construiu a avenida marginal da cidade, ainda subsiste quase todo o revestimento deste alçado, que era certamente um dos mais extensos do período romântico em Ponta Delgada. Assim, aquela que era uma fachada impressionante na época - aliando o revestimento azulejar ostensivo aos vãos filiados num neogótico comedido que era já moda na época, sobretudo em edifícios comerciais ou em partes mais intimistas de edifícios de habitação - uma fachada visível para os que chegavam a Ponta Delgada de barco (que eram quase todos os que chegavam à ilha), é hoje um alçado de traseiras, parcialmente escondido [23].

Os azulejos subsistentes neste alçado são de um padrão floral muito comum no Porto nas décadas de 1840 a 1870, sendo dos mais antigos padrões usados em fachadas daquela cidade [9]. O mesmo se aplica ao modelo de cercadura, com meandro contínuo de flores (Fig. 8), típico da produção da Fábrica de Santo António do Vale da Piedade, em Gaia. Esta fábrica

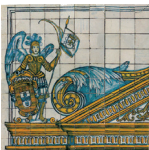


foi também uma das que comprovadamente produziu o padrão de revestimento, pelo que os mencionados azulejos podem ter vindo do Porto, apesar de alguns dos azulejos hoje visíveis na fachada, pelo tipo de vidro e pintura, serem posteriores, e certamente de produção micaelense, para colmatar lacunas.



Figuras 7 e 8 - Aspecto actual da fachada vagamente neogótica que se apoiava sobre arcos e se voltava para o mar (hoje escondida num beco sem saída), e detalhes do padrão e da cercadura (fotos do autor).

Também hoje escondido do olhar dos locais e dos visitantes, devido ao aterro que tornou traseiras aquilo que eram outrora alçados nobilitados e voltados ao mar, de modo a serem vistos pr quem chegava à cidade, está hoje um edifício azulejado ao abandono (Fig. 9). Situado na Travessa do Aterro, confronta com um edifício voltado à Praça do Município que, embora sem azulejos, tem platibanda rematada por urnas em faiança de modelo pouco comum.

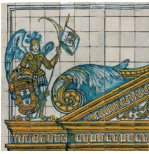


GlazeArch2015

International Conference
Glazed Ceramics in Architectural Heritage



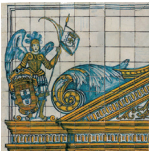
Figuras 9 e 10 - Fachada da Travessa do Aterro e detalhes do padrão e da cercadura (fotos do autor).



Este edifício da Travessa do Aterro é ostensivamente azulejado nos alçados voltados a sul, mesmo no seu corpo inferior de armazéns e em anexos posicionados do lado nascente, não o sendo nos alçados voltados a nascente e poente, ou seja, nos menos visíveis a partir do mar. O revestimento assemelha-se ao do edifício que confinava com as portas da cidade pelo nascente, com padrão predominante semi-estampilhado, pintado a azul sobre fundo branco, e padrão relevado - neste caso também pintado a azul sobre fundo branco - colocado numa só fiada, a servir de cercadura (Fig. 10). Os azulejos de padrão predominante assumem uma estética tipicamente portuense, embora o padrão em si mesmo seja invulgar. Numa primeira abordagem, não fica claro se terá sido trazido do Porto, ou se foi produzido na Ilha de S. Miguel, como parece ter sido o caso dos azulejos que, nesta fachada, servem como cercadura. Ainda que o padrão seja típico do Porto, estes azulejos de cercadura encontram-se pintados de modo negligente, não preenchendo o azul as reentrâncias dos ornatos - solução que encontramos em azulejos comprovadamente micaelenses, produzidos na Lagoa, como teremos oportunidade de demonstrar noutro estudo. Quanto ao padrão predominante deste edifício da Travessa do Aterro, embora tenha sido um dos que também se fabricaram na Lagoa, é de notar que algumas lacunas mostram no reboco as marcas de um tardo prensado, com quadrícula 5x5, aparentemente semelhante a azulejos atribuíveis à Fábrica de Santo António do Vale da Piedade, em Gaia [9]. Refira-se ainda que a separação entre pisos é marcada por fiadas duplas de azulejos relevados, os mesmos que servem de cercadura, numa solução ingénua e que podemos considerar tipicamente micaelense, por surgir em outras fachadas azulejadas da ilha.

É o caso de uma fachada azulejada subsistente na Rua dos Mercadores, em Ponta Delgada. Aqui, a marcação é feita apenas com uma fiada de azulejos (Fig. 11), também relevados e com o mesmo padrão daqueles que assinalámos para a fachada da Travessa do Aterro. Esta fachada na Rua dos Mercadores apresenta igualmente semelhanças compositivas com a que subsiste do lado nascente das portas da cidade: nos dois pisos superiores, um padrão predominante semi-estampilhado, pintado a azul sobre fundo branco e, como cercadura, azulejos de padrão relevados. Neste caso, porém, o padrão predominante é outro (Fig. 12), de influência holandesa, relativamente comum - com as suas variantes - em algumas das mais antigas fachadas azulejadas do Porto, mas que também foi produzido em Lisboa numa versão mais simples, pela Fábrica Roseira [9]. É possível que estes azulejos de padrão predominante, na Rua dos Mercadores, sejam provenientes de alguma fábrica do Porto ou de Vila Nova de Gaia e revestissem também a fachada ao nível do piso térreo. Porém, os azulejos relevados que são usados como cercadura, pintados a azul sobre fundo branco (Fig. 13), mesmo sendo de padrão comum no Porto, surgem aqui pintados com certa displicência, sem serem preenchidos os contornos dos ornatos em relevo. Por conseguinte, assemelham-se a azulejos do mesmo padrão fabricados na Lagoa, onde o padrão predominante desta fachada também surge, e precisamente no edifício que pertencia à primeira fábrica ali fundada, como teremos oportunidade de analisar em outro estudo sobre a azulejaria de fachada da Ilha de S. Miguel (em preparação).

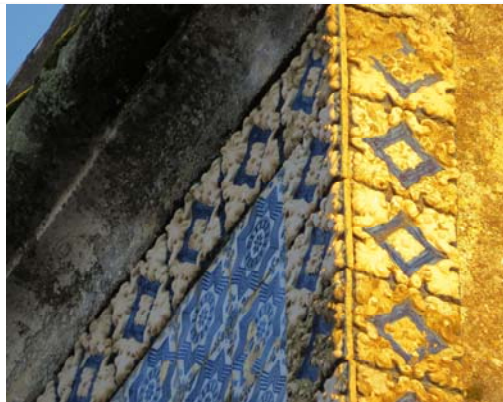
Por conseguinte, em relação a esta fachada da Rua dos Mercadores, voltamos a ter dúvidas sobre se os azulejos de padrão predominante são de fabrico insular ou continental, sendo os relevados, que formam cercadura, mais provavelmente insulares. Estes, além de formarem cercadura na fachada e uma faixa de separação entre os dois pisos que hoje vemos azulejados, surgem também em fiada vertical, no cunhal da empena lateral poente - solução que, em termos compositivos, ainda afasta mais esta fachada das suas congéneres do Porto,



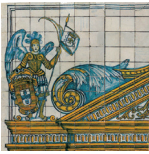
GlazeArch2015

International Conference
Glazed Ceramics in Architectural Heritage

mesmo que os padrões adoptados no edifício da Rua dos Mercadores sejam claramente filiados na azulejaria de fachada portuense.



Figuras 11, 12 e 13 - Fachada azulejada da Rua dos Mercadores e detalhes do padrão e cercadura (fotos do autor).



Refira-se que esta fachada já estava azulejada em Maio de 1865, tendo sido a primeira (e talvez a única) a receber revestimento completo de azulejos nesta rua. De facto, em 24 do aludido mês e ano, na imprensa micaelense publica-se o seguinte anúncio [24]:

“Atenção. No armazem da rua dos Mercadores casa d'Azuleijo n.º 80, vendem-se vidros americanos para vidraças, capachos para porta de diferentes tamanhos e feitos, ferros de gomar a vapor, tintas para pintura, pregos americanos de todos os numeros, ditos batidos de todas as qualidades, e muitos outros generos proprios d'este estabelecimento, o que tudo se vende a preços muito commodos”.

CONCLUSÃO

Dos cinco edifícios que analisámos (quatro dos quais subsistentes), apenas dois foram revestidos com azulejos que parecem ter sido todos trazidos de fora da Ilha de S. Miguel: aquele que possui os vãos em arco quebrado, e o do açougue.



Figura 14 - Detalhe de uma fotografia pertencente à Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos da América, com data atribuída de 1880, vendo-se parte da fachada azulejada do desaparecido açougue de Ponta Delgada.

Sendo a fachada azulejada da Rua dos Mercadores comprovadamente anterior a Maio de 1865, conclui-se que a azulejaria de fachada nos Açores é mais antiga do que aquilo que se supunha, até porque os indícios apresentados levam-nos a presumir que este revestimento não era propriamente anterior ao dos três primeiros edifícios mencionados neste estudo, podendo ser sensivelmente coetâneo do quarto exemplo - ou seja, do edifício da Travessa do Aterro.

A ser assim, nos finais da década de 1860, quem entrasse em Ponta Delgada pelas portas da cidade já veria azulejaria de revestimento integral em edifícios próximos, localizados em diversos quadrantes. Poder-se-ia supor que esta circunstância muito terá favorecido a



aceitação da azulejaria de fachada na ilha. Contudo, os dados reunidos fazem crer que S. Miguel, e os Açores no seu todo, até tenham sido das regiões portuguesas com menos exemplares de azulejaria de fachada. Efeitos da insularidade? Consequência de estarmos num território periférico e, à partida, menos cosmopolita? A questão permanece ainda em aberto. De qualquer modo, diga-se que a insularidade, no que diz respeito à azulejaria de fachada, não pode ser entendida desde logo como um óbice, visto os Açores terem também servido de escala marítima entre vários pólos económicos e culturais, incluindo entre Portugal e o Brasil - países que partilharam o fenómeno da azulejaria de revestimento de fachadas. Por outro lado - e procuraremos demonstrá-lo em trabalhos futuros - aspectos decorativos houve em que as fachadas da Ilha de S. Miguel se filiaram menos em modelos locais do que as da maior parte do continente português [25].

Restos de azulejos num logradouro em frente à actual entrada sul da Universidade dos Açores, permitem inferir que, em finais do século XIX, foram usados em Ponta Delgada azulejos de padrão fabricados em Lisboa ou, eventualmente, fabricados na Ilha de S. Miguel com base em padrões usados em Lisboa. Aliás, como contamos abordar em estudo próprio, a produção azulejar da Lagoa, durante as quatro décadas finais do Liberalismo, inspirou-se, quer em alguns padrões que estiveram em moda no Porto, quer em outros que estiveram em moda em Lisboa [26].

Tencionamos igualmente abordar, noutra trabalho, a azulejaria existente em Ponta Delgada que configura já uma transição para o século XX, até por termos localizado exemplos que - também para esta época - evidenciam a intenção em imitar as estéticas de Lisboa, e do Porto, mas com opções próprias, quer mais ingénuas, quer tão ou mais eruditas face às que, em Lisboa e no Porto o eram.

Na Ilha de S. Miguel, restam poucas fachadas azulejadas. As que aqui abordámos são somente aquelas que consideramos as mais antigas subsistentes em Ponta Delgada. Outras existem, ou terão existido, de cronologia posterior mas ainda de características românticas ou tardo-românticas. Porém, no seu todo, são em número suficiente para evidenciar como, numa região periférica, a azulejaria de fachada assumiu características simultaneamente comuns aos grandes centros produtores de Lisboa e Porto / Vila Nova de Gaia, e também divergentes, quer na escolha de padrões, quer nas composições adoptadas.

Agradecimentos

Ana Cristina Moscatel; Nuno Borges de Araújo; Pedro Pascoal; Rita Van Zeller.

Referências

1 A título de exemplo, mencionamos:

ALMASQUÉ, I. e A.J.B. VELOSO – Azulejaria de exterior em Portugal. Lisboa: Edições Inapa, 1991.

ALMASQUÉ, I. e A.J.B. VELOSO – Azulejos de fachada em Lisboa. Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1988.

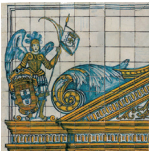
ALMASQUÉ, I. e A.J.B. VELOSO – O azulejo português e a Arte Nova. Lisboa: Edições Inapa, 2000.

2 AMORIM, S.A. – Azulejaria de fachada na Póvoa de Varzim: 1850-1950. S/l: s/n, 1996.

3 AMORIM, S.A. – Contributos para o estudo do azulejo publicitário. In "Revista da Faculdade de Letras – Ciências e Técnicas do Património", Vol. II, Porto, 2003, p. 783-801.



- 4 FERREIRA, L.M. – Arquitecturas de cerâmica vidriada. Nociones históricas y de contexto del azulejo de exterior en la ciudad de Porto entre 1850 y 1920. Bilbao: Universidad del País Vasco, 2006.
- 5 FERREIRA, L.M. - Azulejo Semi-Industrial na Arquitetura Civil Portuense. Aveiro: UA Editora - Universidade de Aveiro, 2013.
- 6 FERREIRA, M.I.M. – Revestimentos azulejares oitocentistas de fachada, em Ovar. Contributos para uma metodologia de conservação e restauro. Dissertação de Mestrado em Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico, Universidade de Évora, 2008.
- 7 SANTOS, C.E.F. dos – Artes decorativas nas fachadas da arquitectura bairradina: azulejos e fingidos (1850-1950). Dissertação de Mestrado em Património Artístico e Conservação apresentada à Universidade Portucalense. Porto: 2007 (3 vols.).
- 8 PIRES, I.A.S. – Fachadas azulejadas na Margem Sul do Tejo - Barreiro (1850-1925). Dissertação de Mestrado em Arte, Património e Teoria do Restauro apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa: 2013 (2 vols.).
- 9 DOMINGUES, A.M.P. – *A ornamentação cerâmica na arquitectura do Romantismo em Portugal*. Tese de Doutoramento em História da Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto, 2009, 2 volumes policopiados.
- 10 PAIS, A., J. MIMOSO e J. CAMPELO – *As primeiras fachadas azulejadas em Lisboa*. In Actas do Congresso Internacional Azulejar. Aveiro: 2012 (edição em formato electrónico).
- 11 QUEIROZ, F., I. AGUIAR, R.S. CARVALHO e I. PIRES – *Azulejaria e Arquitectura Vernacular: os padrões usados no Concelho de Ovar e o Sistema "Az Infinitum"*. Actas do Colóquio Internacional "Arquitectura Popular. Conceitos e expressões. Valores culturais, sociais e económicos" (Arcos de Valdevez, 3 a 6 Abril de 2013).
- 12 QUEIROZ, F., PORTELA, Ana Margarida – *Romantismo: o período áureo da azulejaria portuguesa*. Actas do Congresso Internacional "A herança de Santos Simões: novas perspectivas para o estudo da Azulejaria e da Cerâmica" (Lisboa, Reitoria da Universidade de Lisboa, 15 a 17 de Novembro de 2010). Lisboa, Colibri, 2014.
- 13 A título de exemplo, mencionamos:
 - QUEIROZ, F., - *Os mostruários da Fábrica de Cerâmica das Devesas*. Actas do II Congresso Internacional sobre Património Industrial, "Património, Museus e Turismo Industrial: uma oportunidade para o século XXI". Porto, Universidade Católica, 22-24 de Maio de 2014.
 - QUEIROZ, J.F.F. - *Aspectos históricos e decorativos dos edifícios portuenses da Fábrica de Cerâmica das Devesas*. Actas do II Congresso "O Porto Romântico", Porto, Escola das Artes da Universidade Católica, 11-12 de Abril de 2014.
 - QUEIROZ, J.F.F. e J.G.B. TEIXEIRA - *Os mostruários da Fábrica de Santo António do Vale da Piedade*. Actas do II Congresso "O Porto Romântico", Porto, Escola das Artes da Universidade Católica, 11-12 de Abril de 2014.
 - QUEIROZ, F., I. AGUIAR, R.S. CARVALHO e I. PIRES – *Azulejaria e Arquitectura Vernacular: os padrões usados no Concelho de Ovar e o Sistema "Az Infinitum"*. Actas do Colóquio Internacional "Arquitectura Popular. Conceitos e expressões. Valores culturais, sociais e económicos" (Arcos de Valdevez, 3 a 6 Abril de 2013).
 - PORTELA, A.M. e F. QUEIROZ - *A Fábrica das Devesas e o Património Industrial Cerâmico de Vila Nova de Gaia*. Famalicão, 2008 (separata de "Arqueologia Industrial", 4ª Série, Vol. IV, n.º 1-2), 47 páginas.
 - PORTELA, Ana Margarida / QUEIROZ, Francisco - *A Fábrica das Devesas e o Património Industrial Cerâmico de Vila Nova de Gaia*. Famalicão, 2008 (separata de "Arqueologia Industrial", 4ª Série, Vol. IV, n.º 1-2), 47 páginas.



- 14 SANTOS SIMÕES, J. M. – *Azulejaria Portuguesa nos Açores e na Madeira*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1963.
- 15 Para a Ilha Terceira, por exemplo, há menção a fechadas azulejadas no *Inventário da Azulejaria Artística da Ilha Terceira (por Henrique de Rego Botelho Parreira)*. In “Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira”, Vol. L, Angra do Heroísmo, 1992, p. 221-250.
- 16 MARTINS, R.A.M.S. – *Representações dos costumes populares na escultura cerâmica dos Açores*. In “Arquipélago – História”, 2ª série, IX, 2005, p. 410-412.
- 17 MOURA, M.F.O. – *A Casa de João Vieira Jordão, Capitalista, Proprietário e «Brasileiro». Azulejos oitocentistas micaelenses da Cerâmica Leite Pereira? Separata de “Islenha” n.º 24, Janeiro-Junho de 1999.*
- 18 MOURA, ob. cit., p. 136.
- 19 “Gazeta da Relação”, Ponta Delgada, 24 de Abril de 1868.
- 20 Em estudos subsequentes, contamos analisar os núcleos de azulejaria de fachada da Ribeira Grande e da Lagoa, as unidades micaelenses de produção de cerâmica para aplicação em edifícios e jardins, bem como outros exemplos de ornamentação cerâmica do período romântico, problematizando toda a questão da azulejaria de fachada em S. Miguel sensivelmente até à década de 1920.
- 21 ABRANCHES, J.C. – *Álbum Micaelense*. Ponta Delgada: Typ. de Manoel Corrêa Botelho, 1869.
- 22 Não empreendemos ainda pesquisa específica sobre a história do edifício do açougue. É possível que, futuramente, seja possível datar o respectivo azulejamento, e documentar a proveniência dos azulejos.
- 23 Ainda não tivemos oportunidade de nos debruçar sobre a história deste edifício, que, no seu alçado voltado à Igreja Matriz, apresenta também artefactos cerâmicos, embora não incluindo azulejos e sendo de outra proveniência.
- 24 “A Persuasão”, Ponta Delgada, 24 de Maio de 1865.
- 25 Nomeadamente, no que diz respeito às grades de sacada, como referimos em QUEIROZ, José Francisco Ferreira - *Foreign influences and insular identity: a preliminary approach to romanticist railings in S. Miguel, Azores*. II CHAM International Conference “Knowledge Transfer and Cultural Exchanges” (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 15-18 de Julho de 2015).
- 26 Em nenhum dos casos mencionados neste estudo, ou a abordar em futuros estudos, tivemos ainda a oportunidade de aceder aos tardozeiros dos azulejos, muito menos de proceder a ensaios para determinação da composição das chacotas, dos vidrados ou dos pigmentos. Há, pois, bastante pesquisa ainda a empreender, no que diz respeito à azulejaria de fachada da Ilha de S. Miguel, e dos Açores em geral.